Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v37i144.229

ESTUDOS BÍBLICOS

A torre de Babel e a transmodernidade:

confluências possíveis

The tower of Babel and the transmodernity: possible confluences

Renato Adriano Pezenti *

* Especialista em Gestão Educacional pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci, Graduado em Teologia pelo Instituto Teológico Franciscano. Mestrando em educação pela Universidade São Francisco. Coordena o Núcleo de Educação à Distância da Universidade São Francisco, Bragança Paulista, Brasil. Presta serviços de tradução para a Editora Vozes.

renato.pezenti@usf.edu.br

Recebido em: 01/09/2021

Aprovado em: 31/10/2021

Licença *Creative Commons* CC BY 4.0

Resumo

O objetivo desse artigo é indicar algumas convergências entre o horizonte de significados do relato bíblico da torre de Babel de Gn 11,1-9 e o conceito filosófico de transmodernidade. Para isto, lança-se mão de uma hermenêutica do texto de Gênesis explorando sua estratégia literária marcada pela ironia e a sua mensagem de contestação das pretensões de uniformização e centralização de Babel como negação da ordem cósmica pós-dilúvica marcada pelos imperativos de Gn 9,1: "Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei-a terra". Para a compreensão do conceito de transmodernidade são mobilizados dois artigos do filósofo argentino Enrique Dussel o qual a compreende como crítica pós-moderna descentralizada, não referenciada pela modernidade ou pela Europa, mas tecida a partir da periferia do mundo. Assim, interpretados a partir de suas referências, o relato bíblico e a transmodernidade encontram convergências por meio de seus apelos por pluralidade e diversidade, como contrapontos à uniformização e à centralização totalitarizantes, características tanto de Babel e quanto da modernidade.

Palavras-chave: Torre de Babel. Transmodernidade. Uniformização.

Abstract

The objective of this paper is to indicate some convergences between the context of meanings of the biblical account of the Tower of Babel in Gen 11,1-9 and the philosophical concept of transmodernity. For this, a hermeneutics of the text of Genesis is applied, exploring its literary strategy marked by irony and its message of contesting the pretensions of standardization and centralization of Babel as a denial of the post-flood cosmic order marked by the imperatives of Gen 9,1: "Be fruitful, multiply and fill the earth". To understand the concept of transmodernity, two articles by the Argentine philosopher Enrique Dussel are mobilized, who understand it as a decentralized postmodern critique, not referenced by modernity or by Europe, but built from the periphery of the world. Thus, interpreted from their references, the biblical account and

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

the transmoderity find convergences through their appeals for plurality and diversity, as counterpoints to the totalitarian uniformity and centralization, characteristics both of Babel and of modernity.
Keywords: Tower of Babel. Transmodernity. Standardization.

1 Introdução

O objetivo desse artigo é indicar uma aproximação entre a mensagem bíblica do relato de Gn 11,1-9, a torre de Babel, e o conceito de transmodernidade na Filosofia da Libertação de Enrique Dussel. A relação com o texto bíblico está calcada sobre seu potente significado e sobre sua esfumatura irônica como metodologia crítica bem-humorada. Propõe-se, assim, uma reflexão a partir da perspectiva teórico-metodológica da análise literária, da hermenêutica bíblica e da Filosofia da Libertação de Dussel.

Contudo, para esse exercício, opera-se um recorte bastante específico: parte-se basicamente de dois textos do filósofo argentino, "A Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da Filosofia da Libertação" e "A Filosofia da Libertação frente aos estudos pós-coloniais, subalternos e a pós-modernidade", buscando sublinhar sua compreensão do termo "transmodernidade"; o recorte bíblico engloba uma narrativa bíblica bastante conhecida e emblemática, o relato da torre de Babel, transmitido em Gn 11,1-9.

Para tal apresenta-se inicialmente o texto bíblico, em seguida faz-se um esforço hermenêutico para resgatar seu significado com destaque para sua crítica à uniformização pretendida com a construção da torre e da cidade, sua estratégia irônica de indicação da falência do anseio babilônico de totalitarismo para depois, uma vez apresentada a compreensão de transmodernidade como esforço de desconstrução de toda forma de totalitarismo eurocentrista, ou racionalista, indicar possíveis convergência entre Babel e a transmodernidade.

2 Apresentação do texto: Gn11 ,1-9

[1]Todo[1] o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras.
[2]Como os homens emigrassem para o Oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram.
[3]Disseram um ao outro: "Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!" O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa.
[4]Disseram: "Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre os céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre a terra!"
[5]Ora, YHWH[2] desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído.
[6]E YHWH disse: "Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles.
[7]Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros."

1 Texto em língua portuguesa da Bíblia de Jerusalém (2017).
2 "YHWH" é a transliteração do tetragrama com que o hebraico identifica a divindade. Em língua portuguesa, por reverência ao nome de Deus, pronuncia-se, em lugar do tetragrama, o nome "Adonai".

[8]YHWH os dispersou daí por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade.
[9]Deu-se-lhes por isto o nome de Babel, pois foi aí que YHWH confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi aí que ele os dispersou sobre toda a face da terra.

2.1 A torre de Babel

O relato conhecido como torre de Babel (Gn 11,1-9) é relativamente breve, mas bastante emblemático, e como tal, suscita e incita posicionamentos de toda ordem, desde a busca dos arqueólogos por vestígios da construção da torre que teria formato piramidal; a especulação sobre qual seria a "língua única" falada na cidade e mencionada no relato; a possível menção a uma divindade plural em decorrência da conjugação, no verso 7, dos verbos hebraicos *yārad* (*nērdāh*), descer, e *bālal* (*nābləh*), misturar, confundir, na primeira pessoa do plural; até a suposição de uma divindade ciumenta que não suportaria o êxito humano.

Primeiramente cumpre situar que este relato se inscreve no contexto literário do pós-dilúvio, narrado em Gn 9 e logo após uma longa lista dos descendentes de Noé. A partir desse contexto pode-se indicar um primeiro dado importante, a saber: o anseio dos habitantes da terra de Senaar choca-se frontalmente com uma ordem dada por YHWH em Gn 9,1: "E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra". Os descendentes de Noé, no entanto, ansiavam por construir uma cidade e uma torre visando "fazer um nome" e não serem "dispersos sobre a terra!" (Gn 11,4). Note-se que, sem aprofundar a rica simbologia do dilúvio, ele significara, em última instância, um movimento de re-criação, após o trauma de uma de-criação necessária uma vez que a terra eivara-se de "violência" (Gn 6,1). A mesma ordem dada em Gn 1,28 após o ato criador, foi repetida após o ato re-criador: "enchei a terra!" (Gn 9,1).

De fato, o versículo imediatamente precedente ao relato, confirma que os descendentes da "nova humanidade" criada a partir de Noé, foram organizados em nações e espalhados sobre a terra: "Esses foram os clãs dos descentes de Noé, segundo suas linhagens e segundo suas nações. Foi a partir deles que os povos se dispersaram sobre a terra depois do dilúvio." (Gn 10,32) Babel, portanto, é um contrassenso, uma afronta aos desígnios da divindade.

Segundo Ska (2018, p. 168), esse relato se desenvolve em quatro etapas. "As duas primeiras descrevem a 'construção' e as duas últimas a 'desconstrução' da torre e da cidade". De acordo com o autor, a narrativa é elaborada a partir de movimentos horizontais e verticais. O movimento horizontal abre (movimento da humanidade indo em direção à terra de Senaar) e fecha o relato (movimento da humanidade sendo dispersa pela divindade), o movimento vertical, por sua vez, é ascendente (construção da torre) e descendente (Deus desce para verificar a empresa os homens).

O evento narrado tem como endereço a "terra de Senaar" (Gn 11,2), uma região da antiga Babilônia, na Mesopotâmia, hoje localizada no Iraque. Em seguida, ao final do relato essa região receberá, não sem certa dose de ironia, o nome de Babel. De fato, esse nome esconde uma sátira velada, uma vez que sua denominação vem de uma raiz primitiva *balai* que significa confundir. Note-se o que se citou acima quanto à ação da divindade de "confundir", onde se emprega o verbo *bālal*. A principal cidade da antiga Mesopotâmia, a Babilônia, é reduzida a um lugar de confusão, porque aí YHWH confundiu as línguas.

> A cidade, com base em Gn 11,9, é identificada com Babel, e a torre 'cujo ápice alcance os céus', com um famoso tempo dessa cidade chamado em sumério de *Etemenanki*, que quer dizer 'casa do fundamento da terra e do céu'. O tempo era uma *ziqqurat*, tempo com degraus, uma espécie de montanha artificial muito alta que dava a impressão de pretender propriamente alcançar o céu, morada dos deuses (SKA, 2018, p. 159).

Na sequência do relato, o próprio YHWH, descendo para verificar a situação, confirma que o povo era um só e que tinha apenas uma língua (Gn 11,6). Frente a essa constatação Deus faz valer seu mandado outrora dado e novamente espalha a população sobre a face da terra (Gn 11,8).

3 O perigo da uniformização

Nesta breve apresentação do relato da torre de Babel e sua relação possível com a reflexão da Filosofia da Libertação a partir do conceito de transmodernidade em Dussel, interessa-nos especialmente uma chave de leitura do texto bíblico a partir da perspectiva do perigo da uniformização. Disso decorre que o enfoque principal dado ao texto transcende sua natureza de fábula moral a respeito da ambição humana de alcançar o céu e destronar a divindade. O que se pretende destacar como ponto de diálogo com a transmodernidade é a "importância da individualidade e o horror ao totalitarismo" (HELD, 2017, tradução minha). Sob essa perspectiva, a transgressão cometida em Babel não é propriamente a construção de uma torre que tocasse o céu, isso não se configura isoladamente como um assalto à divindade. A construção da torre, que dá nome ao relato, na verdade, compõe uma intencionalidade, essa sim, a nosso ver, mais perversa. A questão-problema não é a torre, mas a pretensão da cidade ("YHWH os dispersou daí por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade", Gn 11,8). E, tampouco, a dispersão sobre a face da terra será uma punição, antes, como já visto, representará a restauração da bênção que, conforme citamos, já fora pronunciada duas vezes no contexto da re-criação no pós-dilúvio. YHWH já deixara claro que sua visão para a humanidade era de que essa se espalhassee e enchesse a terra.

Essas duas últimas chaves são centrais no nosso esforço por estabelecer alguma dialética possível entre o relato bíblico e a transmodernidade em Dussel. Elas são suficientes para suspeitar que a ação da divindade não decorre do seu preciosismo ciumento, mas do fato de que o projeto da torre, ou melhor, da cidade, era um anteprojeto àquilo que YHWH estabelecera. A finalidade da construção é explícita em Gn 11,4: "Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre os céus! Façamos-nos um nome e não sejamos dispersos sobre a terra!" O maior receio da cidade coincide, na verdade, com o maior anseio da divindade!

Contudo, vale perguntar-se o que está por detrás da bênção divina, e da intenção da cidade por "unidade". Held (2017) apresenta uma solução da qual comungamos. No fundo o interesse repousa sobre aquilo que entendemos por unidade. Se todo mundo falava a mesma língua e utilizava as mesmas palavras (Gn 11,1), então, talvez, por implicação, eles pensavam os mesmos pensamentos e mantinham as mesmas opiniões. Talvez, então, essa história não seja realmente sobre unidade, mas sobre uniformidade, o que é muito diferente.

O rabino Naftali Tzvi Yehudah Berlin defende que

> Deus não ficou incomodado com o que eles diziam, mas pelo fato de que suas palavras (e por implicação, seus pensamentos) eram todas iguais. Deus considera esta unanimidade alarmante, pois a uniformidade é necessariamente um sinal de controle totalitários - afinal, o consenso não acontece naturalmente em qualquer assunto, tampouco em assunto de tão grande importância (BERLIN *apud* HELD, 2017, tradução minha).

É possível supor que em Babel não houvesse lugar para o diferente. E, de fato, a consequência da uniformidade é o anonimato. O anseio de "fazer um nome" aliado ao desejo de evitar que se dispersassem sobre a terra, é a raiz de uma espécie de colonialismo que anula diferenças, apaga culturas e reduz o mundo a colonizador e colonizado. Curiosamente, ou ironicamente, no relato de Babel não há sequer um indivíduo tratado pelo nome ao passo que a moldura textual desta perícope que apresenta o cenário do mundo re-criado após o dilúvio, é justamente a lista da descendência de Noé (Gn 10) e de seu filho Sem (Gn 11,10-26). A genealogia de Gn 10, inclusive, noticia que a dispersão sobre a terra e multiplicidade de línguas já fora alcançada (Gn 10,5.20.31). Temos aí, nas palavras de Held, uma ode à diversidade e à multiplicidade. Por isto, o autor defende que essa "história não é sobre uma unidade primordial humana que se perdeu com o tempo, ao contrário, é sobre uma tentativa ativa de desfazer um plano divino de diversidade" (HELD, 2017, tradução minha).

A raiz do totalitarismo presente na anulação da diversidade é o problema combatido pelo relato. Neste sentido Held se pergunta sobre se a história de Babel diz respeito a uma tentativa de agressão contra Deus ou a um ataque total à singularidade humana. Para ele, este é precisamente o ponto: "uma tentativa de erradicar a individualidade humana é um ataque à Deus" (HELD, 2017, tradução minha). Hamilton dirá claramente que o relato de Babel se encerra "revertendo um movimento monolítico doentio em direção à uma homogeneidade imposta" (HAMILTON *apud* HELD, 2017, tradução minha).

Em linha com essa perspectiva, Ska formula três considerações pontuais:

> o relato descreve de modo paradigmático o sonho totalitário e imperialista da Babilônia [...]. O trecho reflete de modo particular a surpresa e a reação irônica dos hebreus frente às grandes cidades da Mesopotâmia, sobretudo Babel.
>
> Deus é contrário a este tipo de 'globalização' que necessariamente implica a anulação das diversas culturas [...]. Em outras palavras, o desejo de um império que unifique toda a humanidade é uma quimera, e este império jamais existirá, pois é irrealizável. Deus é contrário, pois o totalitarismo tende a cancelar o caráter único de cada povo e de cada cultura.
>
> Segundo estes textos, Deus quer que cada nação tenha o seu próprio espaço e desenvolva a própria cultura. A variedade infinita das línguas e das culturas que se encontram em cada canto deste mundo é uma riqueza, e não um obstáculo à comunicação e à união entre os povos. Deus certamente não se opõe à união dos povos, mas seguramente se opõe à uniformidade forçada de um império totalitário (SKA, 2018, p. 171-172).

Portanto, o ponto crucial para a compreensão da problemática envolvida no relato da torre de Babel e que justifica a reação de Deus, que se envolve diretamente para desbaratar os planos da cidade, concentra-se sobre a ideia de um atentado explícito dos planos da cidade contra a realidade instaurada através da nova criação no pós-dilúvio.

Ao mesmo tempo, como veremos, esse será o ponto de contato entra a perspectiva de Gn 11,1-9 e a compreensão de transmodernidade.

4 A ironia do relato

É inegável que a Bíblia Hebraica apresenta diversas páginas carregadas de humor. Segundo Martins (2017, p. 85) ela parece apresentar, primariamente, o humor através de formas de ironia, que segundo estudiosos está relacionada aos recursos da sátira, sarcasmo, ridículo, paródia, comédia, entre outros.

No caso específico da torre de Babel, "um elemento essencial do relato é a ironia e o texto bíblico, na sua brevidade, foi escrito por alguém que observa com um sorriso irônico as realizações mais impressionantes da civilização mesopotâmica: as suas formidáveis cidades" (SKA, 2018, p. 169).

Há três momentos ou elementos do relato que se apresentam com teor irônico. Esses elementos representam uma espécie de ataque contra o orgulho mesopotâmico, empreendidos a partir de um povo periférico, e por várias vezes também subalterno dos sucessivos impérios que despontaram entre os rios Tigre e Eufrates. O primeiro elemento indicador de um escárnio tácito está em Gn 11,3: "Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo! O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa". Aqui o autor revela sua origem e conhecimento, para ele, a matéria prima excelente para a construção são pedras e argamassa, na Mesopotâmia, contudo, esta técnica não é conhecida ou dominada.

> Em Israel, ao contrário, o mais humilde dos pedreiros sabe muito bem onde encontrar pedras e como preparar a argamassa. O autor procura dar uma nova impressão sobre a civilização mesopotâmica, tão admirada. Parece dizer: não devemos invejar estes homens, pois, a despeito de toda a sua cultura e as suas imensas riquezas, não possuem aquilo que se encontra em abundância em cada canto da terra de Israel (SKA, 2018, p. 169).

Um segundo toque de ironia estás nos versículos 4 e 5: "Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre os céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre a terra! Ora, YHWH desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído" (Gn 11,4-5).

> De um lado, os homens intentam construir uma torre da qual 'o ápice alcance o céu', de outro, Deus, para ver esta torre e a cidade que a circunda, deve 'descer'. Tal é a desproporção entre as obras humanas e a grandeza de Deus que este último é obrigado a 'vir para baixo' para poder ver as maiores construções da mais importante civilização de então, a babilônica (SKA, 2018, p. 169).

Por fim, como já indicamos, o nome "Babel" é apresentado como uma afronta ao orgulho mesopotâmico. A cidade, Babilônia, percebida como o suprassumo do poder é interpretada no relato a partir da ótica da confusão (Gn 11,9).

> O grande ideal de Babel, de unir uma multidão de nações em um só grande império, fortemente centralizado, nada gera que um ridículo emaranhado de línguas e de populações que devem se dispersar por todo o universo pois são incapazes de se entenderem (SKA, 2018, p. 169).

A cidade que sonhara "fazer-se um nome" (Gn 11,4), nada conseguirá além de imortalizar a vergonha de seu projeto falido e de sua petulância desarticulada e de gravar para a posteridade o final trágico de um sonho de onipotência e uniformidade.

Para Ska (2018, p. 170), a ironia, nesse relato, será uma arma de resistência, afinal "é bem sabido que esta é uma das armas prediletas dos fracos contra os fortes. Por esta razão, pode-se perceber facilmente neste trecho uma crítica ao poderio babilônico."

Outros elementos eivados pelo sarcasmo e pela ironia como ferramenta literária de crítica aos anseios totalitaristas e "colonizadores" da Babilônia poderiam ser destacados no relato tal como o faz Slyper em *Satire in the Bible: The Ziggurat of Babel*, contudo, para os fins deste estudo aqueles aqui elencados nos parecem suficientes.

5 Babel e a transmodernidade

Babel não é apenas confusão, é disrrupção, é sátira irônica ao *modus operandi* do dominador, ou, diria justamente a Filosofia da Libertação latino-americana, ao *modus operandi* do colonizador. Babel está para Israel assim como os impérios colonizadores estão para a América Latina. É esta chave aproximação possível que sustenta este estudo.

Para sustentar a dialogicidade percebida entre a estratégia e o conteúdo do relato bíblico e a Filosofia da Libertação, apresenta-se o conceito de transmodernidade, especialmente na acepção que Dussel tem da mesma. Para Dussel (2017, p. 3249, grifo do autor), a Filosofia da Libertação é propriamente um "movimento pós-moderno *avant la lettre*, na realidade *transmoderno*, que aprecia a crítica pós-moderna, mas descentraliza desde a periferia mundial e a reconstrói desde as exigências políticas dos grupos subalternos".

Primeiramente cumpre assegurar que a transmodernidade é uma compreensão disruptiva em relação à modernidade, ou seja, não está sob a lógica, ou anti-lógica da modernidade, como a pós-modernidade que, ainda que como antônimo, tem-na como referência. No fundo, a pós-modernidade critica a modernidade, mas a partir da modernidade, ou seja, ela pode ser considerada quase que uma última etapa da modernidade, que ainda é europeia e norte americana. "O pós-moderno é ainda europeu, ocidental. O pós-ocidental ou transmoderno vai além da Modernidade" (DUSSEL, 2017, 3246). Por isso, a transmodernidade obedece ao imperativo da necessidade de superação do dualismo simplista centro-periferia.

O conceito de transmodernidade surge no bojo da Filosofia da Libertação a qual "partiu de uma crítica da razão moderna, do sujeito cartesiano desde a crítica ontológica de Heidegger, por uma parte, o que lhe permitiu sustentar uma posição crítica radical de dimensão ontológica-fundamental" (DUSSEL, 2017, p. 3240).

O grande legado da Filosofia da Libertação é que ela participou do esforço por "situar a América Latina" na história mundial desencadeando um questionamento da visão padrão (eurocêntrica) – em prol de uma nova visão sobre a América Latina e sobre a própria Europa.

Neste sentido, a transmodernidade nasce, em sua conceituação, como inauguração de uma era não mais pautada pela modernidade a qual, ainda nos dizeres de Dussel (2017, 3242), começou a esboçar-se como mito há cinco séculos, tendo em seu DNA a afirmação da superioridade europeia sobre as restantes culturas do orbe. No fundo, "o fenômeno da modernidade é exclusivamente europeu", defenderá Dussel (2012, p. 51), uma vez que no ocidente a era das colônias significou justamente o início da modernidade que reuniu "o

mundo" ao redor de um projeto europeu e que, em seu anseio, construiu não uma torre, mas colônias, sob uma mesma língua, um mesmo sistema de governo, de economia e de exploração.

> 'Transmodernidade' indica todos os aspectos que se situam 'além' (e também, cronologicamente, 'anteriores') das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, e que atualmente estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias e foram se movendo em direção a uma utopia pluriversal (DUSSEL, 2016, p. 63).

A alta torre erguida pela modernidade é transnacional e, de certo modo, traz à tona a ideia ingênua de diálogo entre culturas, como possibilidade multicultural simétrica. O que se vê, ao contrário, são as culturas das colônias identificadas como "primitivas". Não há diálogo simétrico entre as culturas.... e tampouco há diálogo com "outras" culturas. Sub-repticiamente se impõe uma estrutura cultural, costurada pelo capitalismo transnacional.

> No momento em que se desenvolve uma teoria do 'diálogo entre as culturas' parecia que todas as culturas teriam condições simétricas. Ou por meio de uma 'antropologia' *ad hoc* que realizava a tarefa de observação descomprometida (ou, no melhor dos casos, 'comprometida') das culturas primitivas. Neste caso, existem as culturas superiores (do 'antropólogo cultural' acadêmico) e 'as outras' (primitivas) (DUSSEL, 2016, p. 59, grifo do autor).

Para Dussel (2016, p. 61), na verdade, a modernidade – e como modernidade entenda-se tanto o colonialismo quanto o capitalismo enquanto primeiro sistema mundo – não é contemporânea à hegemonia global da Europa enquanto centro do mercado global, pelo contrário, a Europa torna-se centro do mercado depois de ser moderna. A Europa só se torna o "centro" com a Revolução Industrial.

É por isto que se faz tão necessária a quebra do paradigma da modernidade, ou, aproximando-se da literatura de Babel, a desconstrução da torre e a dispersão sobre toda a terra. Somente assim é possível a novidade radical do surgimento da exterioridade, da alteridade, do sempre distinto (não referenciado pelo eurocentrismo), das culturas universais em desenvolvimento.

Esta verdadeira cultura transmoderna que responde aos desafios da modernidade a partir de outro lugar, deve primar pela pluriversalidade rica e decorre de um autêntico diálogo intercultural que leva em conta as assimetrias existentes. Guardadas as devidas nuances e sem incorrer em anacronismos, é esta que parece ser justamente a "descentralização" promovida pela divindade no relato de Gn 11. O "pluriverso" promovido pela dispersão não é apenas a antítese da uniformização e totalitarismo de Babel, mas a promoção das identidades e das culturas.

A modernidade, no fundo, foi responsável pela construção de torres, uma delas foi, certamente a globalização. A ausência de fronteiras é, na verdade, a uniformização das identidades e, no mundo das realidades, a identidade hegemônica tende a ser a de Babel ou a do colonizador. A "mesma palavra" (Gn, 11,1) pronunciada por todos é a palavra do colonizador europeu (ou norte-americano na sua expressão atual).

A intervenção que outrora fora da divindade, e que dissuadira o ímpeto totalitário de Babel ora deve ser dos pensadores críticos. "Com essa capacidade de se fertilizarem transversalmente, mutuamente, os pensadores críticos da periferia e dos espaços de "fronteira" consolidam o fruto do diálogo intercultural" (DUSSEL, 2016, p. 69). Com essa discussão crítica, está aberto o caminho de libertação em vista de desconstrução da pretensão de universalidade das culturas europeia e norte-americana em prol da perspectiva multifocal de cada cultura.

Nem Babel, nem Europa, isto é, nem o "babelocentrismo", nem eurocentrismo. A pluralidade e a diversidade são as bandeiras tanto da bênção renovada em Gn 11 e que dispersa a humanidade, quanto da transmodernidade e que instaura o pensamento e promove a cultura (a palavra – Gn 11,1) a partir da América Latina.

6 Considerações finais

Por meio da estratégia literária da ironia, o relato da torre de Babel oferece um paradigma para os imperativos da transmodernidade. A falência da centralização e da uniformização totalitarizantes representada pelo desentendimento e dispersão decorrentes da intervenção de YHWH, é um emblema das propostas de um novo modelo cultural, social e econômico, não meramente pós-moderno, mas transmoderno que, portanto, não tenha a modernidade como referência, nem afirmativa, nem negativa, mas que reproponha um modelo fértil e plural, ou, no imperativo da aliança pós-dilúvica, fecundo, múltiplo e pleno ("Sede fecundos, multiplicai-vos e enche a terra", Gn 9,1).

Como vimos, a hermenêutica de Gn 11,1-9 permite identificar, no texto, traços convergentes com a transmodernidade. A eloquência do antigo relato bíblico ecoa os apelos da transmodernidade por identidades e culturas plurais, não referendadas pelo centro colonizador uniformizante, outrora representado por Babel, e, na modernidade pelas perspectivas eurocentristas, ou por qualquer outra expressão, plutocentrista, tecnocentrista etc.

Por fim, muito ainda se poderia explorar a respeito das convergências entre a estratégia literária e o conteúdo do relato bíblico da torre de Babel e a transmodernidade. Contudo, a partir dos acenos feitos, especialmente a partir da hermenêutica de Gn 11,1-9, espera-se, tenha o leitor elementos suficientes para as correlações indicadas aqui e ainda outras.

Referências

BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2017.

DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação.* Na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2012.

DUSSEL, Enrique. A Filosofia da Libertação frente aos estudos pós-coloniais, subalternos e a pós-modernidade. *Revista Direito e Práxis,* Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 3232-3254, 2017. Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/31230. Acesso em: 06 out. 2021.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan./abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100051. Acesso em: 4 out. 2021.

HELD, Shai. The Babel story is about the dangers of uniformity. *The Christian Century*, Chicago, v. 134, n. 23, nov. 2017. Disponível em: https://www.christiancentury.org/article/critical-essay/the-babel-story-is-about-dangers-uniformity. Acesso em: 16 out. 2021.

MARTINS, Lucas Alamino Iglesias. As raízes do humor judaico: o humor através da ironia na Bíblia Hebraica. *Último Andar: Cadernos de Pesquisa em Ciências da Religião*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 72-87, 2017. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/34812/0. Acesso em: 7 out. 2021.

SKA, Jean-Louis. *Antigo Testamento*: temas e leituras. Petrópolis: Vozes, 2018.

SLYPER, Arnold. *Satire in the Bible:* The Ziggurat of Babel. Disponível em: http://bible-pedia.org/satire_in_the_bible_-_the_ziggurat_of_babylon. Acesso em: 2 out. 2021.